

RACHEL NEUBERGER

rachel@ufrb.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (BRASIL)

O PAPEL SOCIOLOGICO DO RÁDIO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE

RESUMO

O rádio é um veículo de comunicação centenário e, mesmo assim, ainda muito presente na atualidade, uma vez que, ao longo do tempo, adequou-se às novas tecnologias (transistor, frequência modulada, satélites, Internet) e, com isso foi ganhando espaços diversificados (sons de carros, computadores, *smartphones*, etc.), sendo capaz, portanto, de convergir e continuar sendo um instrumento de grande utilidade pública e social; ainda, vale dizer, que as modalidades analógicas e tradicionais continuam muito presentes na vida das pessoas. Da mesma forma, o rádio foi, continuamente, adaptando o seu potencial educativo de acordo com características e necessidades sociais, destacando-se desde programas de alfabetização/formação pela ondas sonoras – destinados a grandes contingentes de pessoas – à sua produção pedagógica e contextual em ambiente escolar, que ganhou destaque a partir dos anos 1980. Esta comunicação visa destacar, especificamente, o potencial educativo do rádio escolar (em circuito interno e webrádio), sob uma perspectiva da Sociologia da Educação, já que o entende como uma ferramenta de cariz não-formal que proporciona não só espaços diferenciados de aprendizagens de conteúdos formais, mas também vivências que valorizam outras competências, habilidades e fins.

PALAVRAS-CHAVE

Sociologia da Educação; educação não-formal: rádio escolar; webrádio

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta comunicação é destacar o potencial educativo do rádio escolar, tanto em modalidade de circuito interno (poste, corredor, pátio, linha modulada, etc.) quanto em termos de webrádio. Para tanto, tem como base teórica a Sociologia da Educação e, mais especificamente,

os processos educativos para além das perspectivas formais, ou seja, destacando e valorizando as instâncias de cariz não-formal e informal ligadas à Sociologia da Educação Não-Escolar.

Vale informar que este trabalho é parte do doutoramento que está sendo desenvolvido em Ciências da Educação, na área de Sociologia da Educação, pela Universidade do Minho (Portugal), como parte de um convênio de capacitação do quadro docente e técnico-administrativo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB – Brasil). O trabalho, intitulado *O rádio como ferramenta de educação não-formal: convergências luso brasileiras*, é de autoria de Rachel Severo Alves Neuberger, sob a orientação do Dr. José Augusto Palhares.

A investigação qualitativa desenvolvida em contexto português e brasileiro consiste, principalmente, no levantamento de experiências de rádio escolar em nível nacional (em cada um dos países), na aplicação de questionários para escolas que desenvolvem este tipo de trabalho – a fim de conhecer melhor as contribuições educativas destas atividades – e em um estudo de caso em Portugal e outro no Brasil, o que inclui entrevistas com diretores, coordenadores de projetos, professores e estudantes, além da observação não-participante de atividades na rádio escolar.

Nesta comunicação, dar-se-á mais destaque ao contexto português, em função do andamento da investigação neste país estar mais adiantado no momento (maio de 2015), enfatizando as contribuições que este tipo de projeto pode proporcionar, tendo-se em vista uma pedagogia que articula instâncias disciplinares com outras vertentes mais abertas e participativas, que enfocam os interesses e habilidades dos jovens, numa perspectiva contextualizada e atenta, também, à “condição comunicacional do nosso tempo” (Orozco, 2014) em que as tecnologias tradicionais e digitais coexistem e proporcionam diversas oportunidades de se informar, criar e de se relacionar.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO E A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E INFORMAL

A Sociologia contemporânea, de modo geral, destaca um processo crescente de individualização da sociedade, em que sujeitos diferenciados formam um todo social complexo, mais plural do que a “sociedade consensual” entendida pela Sociologia tradicional. Entretanto, não se trata de um sujeito autossuficiente e isolado, mas da emergência de uma subjetividade capaz de “reflexividade” (Giddens, 1991; 2005) que se realiza em relação a múltiplas socializações, também denominadas de “socializações

compósitas” (Pais, 2012). Para Lahire (2002, p. 31), por exemplo, “todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios que incorpora”.

Desta forma, tendo-se em vista que a sociedade atual não é mais caracterizada por princípios uniformizados, mas por uma pluralidade de sujeitos com vivências e aspirações muito diversas entre si, qual seria o papel da escola hoje? Dubet (1994), por exemplo, já na década de 1990, dizia que era necessário entender a escola como “escolas”, ou seja, não como uma unidade mas como um conjunto educativo que envolve diferentes lógicas, ritmos, perspectivas. Afinal, a escola está inserida numa sociedade que não é um sistema organizado em torno de um centro, mas numa sociedade onde “os indivíduos são obrigados a gerir várias lógicas da ação” (Dubet, 1994, p. 259). Entender este papel, ou melhor, os múltiplos papéis, é, definitivamente, uma das questões centrais a que a Sociologia da Educação procura responder.

Para dar conta de tamanha empreitada, a Sociologia da Educação – área bastante complexa e multifacetada (Appel; Ball; Gandin, 2013) – busca desvelar tais responsabilidades a partir da articulação entre os diferentes e variados processos que envolvem a sala de aula e seus sujeitos (nível micro), a escola (meso), as políticas educacionais (macro) e as articulações políticas e econômicas em perspectiva global (mega), tal como destacam Afonso (2005) e Lima (2011), por exemplo. Afinal, uma instância está imbricada à outra e um enfoque ilhado poderia não permitir a compreensão de processos que se influenciam mutuamente.

Importante dizer ainda que, buscando uma maior compreensão do papel da educação na atualidade, a Sociologia da Educação também se desdobra em uma Sociologia da Educação não-escolar (Afonso, 1992) que permite ir além das formalidades institucionais e focar, com isso, aspectos e projetos não-formais e informais de educação. Afinal, é corrente o entendimento de que a Sociologia da Educação está mais focada na escola, sendo claro, todavia, que a educação não se limita a determinados contextos institucionais.

Para entender melhor o que isto significa, na perspectiva de Rogers (2012), a educação formal é estruturada, curricularizada, envolve a relação hierarquizada professor(a)-aluno(a), tem objetivos claros, tempos e espaços específicos. Nas suas palavras: “a educação formal é estandardizada, descontextualizada, com largas generalizações. As regras são estabelecidas e aprendidas, em parte por hábito, para serem aplicadas em diferentes

contextos” (Rogers, 2012, p. 27). No caso da aprendizagem informal, Roger (2012) a defende como algo inato, ou seja, não depende de instituições que a consagrem. Para ele, a aprendizagem informal ocorre ao longo da vida das pessoas, de maneira inconsciente (sem nem sabermos que estamos aprendendo) ou mesmo consciente, mas de forma mais natural. Trata-se de uma aprendizagem imprescindível pois “cria o nosso sentido de mudança da identidade. Constrói ou destrói confiança, incluindo confiança para aprender novas coisas. Forma o nosso sentido de valores e hierarquias, as nossas ambições, aspirações e intenções” (Rogers, 2012, p. 24).

O não-formal, por sua vez, trata-se de uma aprendizagem que pressupõe estrutura, organização, mas é mais flexível, com tempos e espaços diversificados, mais contextualizados (de acordo com os interesses e particularidades dos sujeitos) e, ainda, mais participativo. E se a educação não-formal é descrita sob as bases de uma dialogia contextualizada, é preciso, então, que os temas emergjam de temáticas geradas no cotidiano da comunidade, ou seja, que considerem a cultura local no que tange a “faixas etárias, grupos de gênero, nacionalidades, religiões e crenças, hábitos de consumo, práticas coletivas, divisão do trabalho no interior das famílias, relações de parentesco, vínculos sociais e redes de solidariedade construídas no local” (Gohn, 2009, pp. 33-34).

Para Palhares (2008) e Rogers (2012), porém, as categorias de educação formal (incluindo a não-formal) e a informal não deveriam ser tidas de forma separada, mas como uma continuidade com muitos pontos intermediários. Segundo Palhares (2008, p. 5), a educação é um todo complexo e “só com o envolvimento em contextos não formais e informais é que se podem obter algumas dimensões fundamentais da cidadania ativa, da inclusão e coesão sociais”.

Entende-se, pois, que a escola tem muito a ganhar se souber articular as instâncias formais – às quais é tida como a principal representante – a outras possibilidades de aprendizagens advindas de projetos extracurriculares em nível não-formal e do conhecimento/vivência dos participantes. Afinal, por meio de abordagens mais flexíveis, contextualizadas, participativas, é possível não só dar conta dos conteúdos disciplinares, mas também proporcionar outras ambiências de aprendizagens que sejam ainda mais significativas, inclusive para ajudar na “assimilação” dos conhecimentos formais, cujos resultados são cada vez mais cobrados das escolas.

AS CONTRIBUIÇÕES EDUCATIVAS DE RÁDIOS ESCOLARES

Finalmente, tendo-se em vista que a sociedade moderna e, principalmente, contemporânea é marcada pela onipresença dos meios de comunicação, tanto massivos quanto interativos, como sugerem alguns sociólogos como Morin (1997) – que defende a cultura contemporânea como uma cultura mediática –, Castells (2002, 2012, 2013) – quando defende uma “sociedade da informação” – e Thompson (1995, 2008) – que fala em “mundanidade mediada” –, é importante que a escola não apenas esteja atenta a tais perspectivas, como proporcione um pensamento crítico a respeito dessa situação e também tempos e espaços para que a comunidade educativa produza seus próprios conteúdos a partir de seus interesses e necessidades.

É justamente este o papel defendido pela área da “educomunicação” (Soares, 2011), “educomídia” (Marques de Melo & Tosta, 2008), “mídia-educação” (Belloni, 2009) ou como é mais conhecida na Europa, “literacia/educação para os media” (Pinto, Pereira, Pereira & Ferreira, 2011, p. 24) e que, segundo estes últimos, pode ser descrita como “o conjunto de conhecimentos, capacidades e competências (e os processos da respectiva aquisição) relativas ao acesso, uso esclarecido, pesquisa e análise crítica dos media, bem como as capacidades de expressão e de comunicação através desses mesmos media”.

Projetos não-formais de rádio escolar, neste sentido, buscam corresponder às diretrizes do campo educacional, podendo articular-se, por sua vez, com as instâncias disciplinares e, portanto, formais, e ainda valorizar as experiências informais, conhecimentos, interesses, necessidades dos participantes. Assim, busca-se apresentar, aqui, especificamente, algumas contribuições educativas de projetos não-formais de rádio em contexto escolar, visto que abre espaço para aprendizagens diversificadas.

Em modalidade de circuito interno ou webrádio – sendo que a primeira geralmente está ancorada em tecnologias analógicas e com fios, e a segunda em tecnologias digitais – cada vez é mais comum encontrar projetos que busquem a integração/convergência dessas possibilidades, o que significa que uma rádio escolar em modalidade poste dificilmente se fecha em si mesma, mas amplia sua rede por meio da Web, seja como webrádio ou em redes sociais, por exemplo, que tratam de integrar os ambientes analógico-digitais.

Entre as possibilidades educacionais que tais empreendimentos possibilitam estão a promoção de espaços participativos de informação/comunicação sobre assuntos de interesse da comunidade; a efetivação de espaços de educação não-formal e informal no âmbito da escola; a realização de

experiências de socialização plurais; a criação de possibilidades de reflexividade e *aprendizagens significativas*; a valorização de um pensamento crítico e criativo em relação às mídias; entre outras coisas, conforme nos revelam alguns autores a seguir.

De acordo com Neves (2010, p. 29), o rádio escolar é um “desafio construtivo que se pauta por uma relação dialógica em um processo educacional”. Para Gonçalves e Azevedo (2004), este tipo de projeto contribui para a realização de novos estilos, linguagens, histórias de vida e criatividade. Na visão de Oliveira (2011), o rádio escolar proporciona autoestima, iniciativa, autonomia, responsabilidade, coletividade e pensamento crítico. Como defende Leal (2010, p. 9) “do anúncio publicitário, à radionovela, da crônica, à sátira e ao texto de opinião, a experiência de produção radifônica estimula a criação de também um estilo de comunicação pessoal e abre espaço à imaginação, à criatividade e à livre opinião”. Na perspectiva de Baltar, Camelo, Gastalfello, Knob e Trentin (2013, p. 8), “a *rádio escolar (RE)* é uma ferramenta de interação sociodiscursiva que, ao mesmo tempo que possibilita o acesso ao discurso midiático radiofônico desde a escola, auxilia no trabalho com os conteúdos alinhados ao projeto pedagógico”. Para Baltar (2008, pp. 568-569):

A implantação de uma mídia radiofônica no ambiente discursivo escolar funciona como contraponto ao discurso escolar tradicional, alicerçado em transmissão de conteúdos assépticos e em relações assimétricas de poder, em que predominam, na maior parte do tempo destinado à ensinagem, a voz do professor e da escola. Além disso, a implantação da mídia radiofônica escolar pode também funcionar como um contraponto ao discurso midiático convencional, construindo pontes para a compreensão do ambiente discursivo midiático, estabelecendo uma relação interdiscursiva escola-mídia e contribuindo, assim, para novos gêneros da mídia e da escola e, por conseguinte, para uma nova escola e uma nova mídia.

Preliminarmente, em Portugal, por exemplo, de acordo com algumas respostas obtidas a um questionário que é parte da investigação de doutoramento em curso, é possível dizer que os objetivos de projetos de rádio escolar são muito variados; podendo-se destacar competências que vão muito além daquelas circunscritas às possibilidades oferecidas em sala de aula. Isso por que além de ser um instrumento para reforçar as disciplinas teóricas (através de rubricas de português, outras línguas, ciências, etc.) e articular teoria-prática, o projeto radiofônico visa transmitir outros

conhecimentos, notícias da escola (e para além dela), apoiar eventos, transmitir músicas da preferência dos jovens, incrementar a capacidade de linguagem e comunicação, valorizar a criatividade, desenvolver trabalhos em grupo, destacar talentos e valores, proporcionar entretenimento e lazer, valorizar a cidadania pela participação comunitária, melhorar as relações interpessoais, permitir o desenvolvimento autônomo e a responsabilidade, preparar os sujeitos para pensar criticamente e agir conscientemente, estimular a pesquisa, recolha de dados e programação de conteúdos, fomentar a diversidade, além de ter objetivos relacionados especificamente ao interesse pelos media e novas tecnologias da informação e comunicação, avançando no domínio radiofônico e também nos conhecimentos musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de a escola abrir-se para os projetos não-formais é que os mesmos podem, além de fortalecer o ensino formal a partir de práticas pedagógicas diferenciadas, ser adaptados às necessidades, características e interesses da comunidade educativa em questão. Afinal, como garante Moran (2013, p. 28), “aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando fazemos relação, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido” e isso tudo é possível por meio deste tipo de atividade extracurricular. E se aprendemos vivenciando, os projetos não-formais de rádio escolar podem ser uma excelente maneira de propiciar um ambiente de aprendizagem mais livre e criativo.

Entretanto, dizer que as rádios escolares podem proporcionar todas essas ambiências não é o mesmo que dizer que realmente proporcionam tudo isso. Na verdade, as contribuições educacionais de um projeto não-formal como este em um ambiente marcado pela formalidade de cunho institucional irá variar de acordo com as necessidades da(s) escola(s) em seu(s) contexto(s) específico(s). Além disso, os resultados satisfatórios ou não, também dependerão da estrutura física, da qualificação dos profissionais que coordenam as atividades, de remuneração ou dedicação de tempo específico para a realização das atividades, de comprometimento dos envolvidos, do grau de abertura para a participação, da criatividade, enfim, de uma série de questões que poderão influenciar e determinar o sucesso educativo do projeto. Se estamos falando de “escolas” (Dubet, 1994) e não de um único modelo de escola, cada qual terá que saber, dentro da sua

missão, do seu contexto, das suas necessidades, dos interesses dos participantes, qual o encaminhamento que será dado e que investimento será feito neste tipo de atividade.

REFERÊNCIAS

- Afonso, A. (2005). *Avaliação Educacional: regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas*. São Paulo: Cortez.
- Apple, M. W.; Ball, S. J. & Gandin, L. A. (2013). *Sociologia da Educação: análise internacional*. Porto Alegre: Penso.
- Baltar, M. (2008). Letramento Radiofônico na Escola. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, 8 (3), 563-580.
- Belloni, M. L. (2009). *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados.
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2012). *O Fim do Milênio*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2013). *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Dubet, F. (1994). *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Gonçalves, E. M. & Azevedo, A. B. (2004). O rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo. *Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo*, 1 (2), 1-12.
- Lahire, B. (2002). *Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes.
- Leal, S. M. (2010). Encontros com a Rádio: Um espaço de cidadania e trabalho com o oral e o escrito na escola. In Repositório da Universidade dos Açores. Acedido em <http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/647>
- Lima, L. (2011). *A Escola como Organização Educativa: uma abordagem sociológica*. São Paulo: Cortez.
- Marques de Melo, J. & Tosta, S. P. (2008). *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Moran, J. M. (2013). Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In J. M. Moran; M. Masetto, & M. Behrens, *Novas tecnologias e mediação pedagógica* (pp. 1165). Campinas: Papyrus.
- Morin, E. (1997). *Cultura de Massas no Século XX: neurose (O Espírito do Tempo; 1)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Neves, I. P. (2010). *O uso do rádio pátio como veículo educativo no processo de ensino aprendido a partir da análise da pedagogia freireana*. Relatório de Pós-Graduação Lato Sensu. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Brasil.
- Oliveira, A. (2011). *O Protagonismo Juvenil em uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Brasil.
- Orozco, G. (2014). *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. São Paulo: Paulinas.
- Pais, J. M. (2012). *Sexualidade e Afetos Juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Palhares, J. A. (2014). Centralidades e periferias nos quotidianos escolares e não-escolares de jovens distinguidos na escola pública. *Revista Investigar em Educação*, 1(1), 51-73.
- Palhares, J. (2008). Os sítios de educação e socialização juvenis: experiências e representações num contexto não-escolar. *Educação, Sociedade & Culturas*, 27, 109-130.
- Pinto, M.; Pereira, S.; Pereira, L. & Ferreira, T. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Braga: Universidade do Minho.
- Rogers, A. & Street, B. (2012). *Adult Literacy and Development: stories from the field*. Leicester: Niace.
- Soares, I. d. (2011). Educomunicação: um campo de mediações. In A. O. Citelli, & M. C. Costa (Eds.), *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento* (pp. 13-29). São Paulo: Paulinas.
- Thompson, J. B. (2008). *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Thompson, J.B. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.